



## **roberto freire: tesão e anarquia**

A dissertação de mestrado *roberto freire: tesão & anarquia* irrompeu após a conclusão da pesquisa de iniciação científica *O Inimigo do Rei: problematizações sobre o jornal O Inimigo do Rei e experimentações libertárias*, concluída em 2006, e apresentada no Departamento de Política da PUC-SP sob a orientação de Edson Passetti. Durante a pesquisa sobre o periódico que existiu de 1977 a 1988, no Brasil, realizada em variados arquivos como CEDEM da UNESP, Edgar Leuenroth situado na UNICAMP e no CCS-SP (Centro de Cultura Social de São Paulo), pude reunir um extenso material para análise dos embates anarquistas desde os anos 1970, em plena ditadura militar, passando pela chamada abertura política até a instituição da democracia na década de 1990.

A pesquisa de iniciação científica problematizou certas conclusões que identificavam *O Inimigo do Rei* como marco inaugural de um anarquismo considerado moderno. Concluí que o periódico libertário inovou menos pelos temas adotados - liberação do sexo, drogas, ecologia - visto que sua crítica ao Estado não diferia tanto daquelas dirigidas por certos anarquistas do século XIX. A vitalidade de *O Inimigo do Rei* deveu-se mais ao ânimo de um modo de militância alegre, divertido, como o sugerido por Michel Foucault em seu breve texto “Introdução a uma vida não fascista”, em 1972, no qual conclui: “não



imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável” (Foucault, 1993: 200).

Em seguida ao encerramento da graduação em Ciências Sociais na PUC-SP decidi seguir, em 2008, o mapeamento das experiências libertárias que emergiram no Brasil, a partir da década de 1970. Diante do desejo em avançar com essa pesquisa foi inevitável a lida com Roberto Freire visto que ele afirmara, pela primeira vez, sua perspectiva política libertária, em 1977, mesmo ano de lançamento de *O Inimigo do Rei*, com a publicação de *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*.

A afirmação de Stéfanis Caiaffo em sua tese de doutorado *Cartogramas de um Terapeuta Anárquico* de que os romances de Freire são uma abertura para apreender seu pensamento somático fez com que eu dirigisse minha análise para sua literatura, que emerge no porão do DOPS, em 1965. Todavia, a escolha em pesquisar a literatura de Roberto Freire exigiu-me, ao contrário da expectativa, um segundo recorte, pois, sua ampla produção incluía, para além dos romances, livros para crianças, contos e textos para teatro. Optei por deter-me aos primeiros por observar que neles, Freire expunha de maneira mais direta os deslocamentos pelos quais aconteceu sua existência libertária. Preparei o percurso final da pesquisa baseando-me nas sugestões deixadas por ele em sua autobiografia *Eu é um outro*, publicada em 2005, pela editora Maianga, na



qual atribui a *Cléo & Daniel*, *Coio* e *Os cúmplices* maior importância para se ler sua vida.

Roberto Freire transformou sua existência a partir da primeira prisão, logo após o Golpe Militar, em 1965. No porão do DOPS, como modo de lutar contra a interrupção autoritária de suas atividades, esboçou seus primeiros escritos. É após *Cléo & Daniel*, publicado em 1966, que ele se dedica exclusivamente à militância de resistência à ditadura militar. No desenrolar de suas atividades subversivas, na relação com certos jovens da *Ação Popular* (AP), organização na qual militou após o golpe, passa a se dedicar ao teatro, com a invenção do TUCA, na PUC-SP, até as vésperas da promulgação do AI-5, pelo governo do general Costa e Silva, em 1968.

No ano seguinte à promulgação do AI-5, após lançar a adaptação para o cinema de *Cléo & Daniel*, viaja para a Europa. Em Paris, no Teatro Odeon, mesmo espaço no qual havia apresentado junto com a equipe do TUCA, dois anos antes, o espetáculo “Morte e Vida Severina”, depara-se com a singularidade do coletivo *Living Theatre*. Depois da conversa decisiva com o coordenador anarquista Julien Beck, descobre Wilhelm Reich e retorna ao Brasil interessado na existência do dissidente de Freud e em suas críticas à Psicanálise. Vislumbra então a possibilidade de retornar ao exercício da Psicologia, prática



que havia abandonado em 1962, para se dedicar-se à militância,<sup>1</sup> utilizando-a como arma de luta política contra a ditadura. É neste momento que Freire esboça as bases da *Soma* para prestar auxílio a militantes clandestinos e jovens que lutavam pela liberdade no país.

Simultâneo às pesquisas para consolidação da *Soma*, no início da década de 1970, Freire se afasta da militância política que o marcara na década anterior, após constatar que seus parceiros de militância pretendiam fazer a revolução, mas sem liberarem-se dos autoritarismos: “na relação com a companheira ou com o companheiro, na relação com os filhos, na relação com os demais companheiros fora do campo de luta...” (Freire, 1990: 53). Lança em 1976, o romance *Travesti* e em 1977, o livro de ensaios *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* no qual reitera a sua ruptura com a AP e afirma seu posicionamento político anarquista.

No decorrer dos anos 1970, baseando-se nas experiências libertárias realizadas no *Centro de Estudos Macunaíma*, espaço onde viveu e desenvolveu grande parte da terapia, escreve *Coiote*, publicado somente em 1986. O livro narra a história de um jovem rapaz que decide viver com seu bando experimentando a vida em liberdade no alto de uma montanha em Mauá, Rio de Janeiro, tornando-se insuportável para os costumes autoritários de uma

---

<sup>1</sup> “A Psicanálise eu parei em 62, depois de 62 a 64 foi minha atividade quase só com o pessoal do teatro e foi a ação política com os amigos marxistas e depois a entrada na Ação Popular”. (Freire *apud* Goia, 2001: p.94).



pequena vila. Para além da publicação de *Coioite*, divulga nos anos 1980, os livros de ensaios: *Utopia & Paixão* (1984); *Sem tesão não há Solução* (1987) e *Ame e dê Vexame* (1990). É precisamente com estes três livros que ele finalmente apresenta a perspectiva libertária de seu *anarquismo somático*.

Esgotado das constantes viagens e deslocamentos para trabalhar com a *Soma*, depois da publicação de *Ame e dê Vexame*, Freire se retira progressivamente das suas atividades como terapeuta e concentra suas energias em palestras sobre o anarquismo e, sobretudo, na intensificação de seu trabalho literário. Publica, em 1991, *Histórias curtas e grossas*; em 1995, *Os cúmplices*, romance publicado em dois volumes, onde revisita, por meio da história de dois irmãos que cresceram, assim como ele, no bairro do Bixiga, em São Paulo, suas memórias de vida.

Contudo, pouco tempo depois do lançamento de *Os cúmplices* e de seu desentendimento com Sérgio de Souza, o qual chamava de “Meu Capitão”; com quem inventou a revista *Caros Amigos* e do lançamento do polêmico romance *liv & tatziu*, história de um amor incestuoso entre dois irmãos que tem como cenário os conflitos de terra no Pontal do Paranapanema, em 1999, Freire sai de cena. Acostumado com a agitação e a companhia de jovens desde a década de 1960, decide viver sozinho em Cotia, município vizinho a cidade de São Paulo. Cercado de livros, filmes, visitas de antigos e novos amigos, um quadro com a imagem do poeta francês Arthur Rimbaud, de quem traduziu alguns poemas



para serem musicados e gravados juntos de composições próprias em seu disco *Vida de artista*, de 2004, seguiu escrevendo, em frente, adiante em suas “aventuras em navegações tão precisas quanto perigosas” (Freire, 2002:9).

Da militância política na *Ação Popular* à afirmação do anarquismo; da Psicanálise à descoberta de Reich; da coexistência com jovens revolucionários ao afastamento para viver em Cotia, Freire se movimentou constantemente, transformando a si mesmo no e pelo ato de escrever. Esta mutação de si pela intensidade do próprio trabalho, a escrita, o aproxima ainda mais do que Michel Foucault denominou em suas últimas reflexões de estéticas da existência. “Essa transformação de si pelo próprio saber é, creio, algo bem próximo da experiência estética. Para que um pintor trabalha senão para ser transformado por sua pintura?” (Foucault, 2004: 256). Vera Schroeder compara Roberto Freire a um homem que possui a arte de fazer rendas com seus “bilros que não param de tecer novas peças”. E quem observou esta “rendeira” com atenção, conclui, “viu que de tanto defender a liberdade e a ideologia do prazer, Freire nos ensinou a fazer renda e também a namorar” (Schroeder, 2004: 285).

A literatura de Roberto Freire emerge na década de 1960, num momento em que os libertários resguardavam-se estrategicamente atuando por meio das atividades nos centros de cultura e edição de jornais como *Dealbar*, sob a direção do sapateiro Pedro Catallo em São Paulo e *O Protesto* por jovens gaúchos. Entretanto, desde o início do século XX, certos ácratas apresentavam



a anarquia utilizando seus escritos ficcionais, novelas e contos. Porém, diferente destes escritores engajados que foram influenciados por Élisée Reclus, Zola e Tolstoi, Freire apresenta sua perspectiva política animada não pela mobilização de operários, camponeses, homens e mulheres maduras. Ele evoca em seus escritos não os pensadores do anarquismo do século XIX, como Bakunin, Malatesta, Kropotkin, mas sim a estética libertária apreendida no “Paradise Now” proposto pelo teatro anarquista do *Living Theatre*, em 1968 e outras práticas contemporâneas a sua literatura, tais como a reivindicação pela liberação das drogas e do sexo procedente dos hippies.

Os personagens destes romances, desde *Cléo & Daniel*, em 1965, passando por *Coiote* e *Os cúmplices* são jovens que nas descobertas da vida experimentam liberdades insuportáveis para a família (*Cléo & Daniel*), uma pequena vila conservadora (*Coiote*) e a ditadura militar (*Os cúmplices*). Freire explica que pretendia com estas histórias afirmar a descoberta da vida em liberdade por certos jovens e o investimento do Estado e da sociedade em sufocar esta descoberta[:] “Eu escrevi todos os meus livros de ficção em cima desta tese da busca do amor total (...) do combate da repressão autoritária à originalidade das pessoas” (Freire *apud* Goia, 2001: 115), argumentou.

Todavia, assim como o desbunde libertário presente em algumas edições de *O Inimigo do Rei* - em especial a capa de fevereiro de 1980, que propõe “Prática sexual ampla, geral e irrestrita” ou o artigo intitulado “Sexualidade



anistiada”, publicado na edição anterior e assinado por Antônio Carlos Pacheco, no qual ele realiza um levantamento histórico da repressão articulando-a ao poder como algo negativo e exclusivo de uma classe que reprime o sexo para “manter subjugadas as classes dominadas”-, ao analisar os romances de Freire considere seu enredamento no que Michel Foucault apontou como esquema reichiano, enredamento que supõe que o problema político seja inteiramente da ordem da liberação.

Foucault problematiza esta perspectiva que afirma a liberação como algo suficiente, satisfatório, o ponto final de uma luta. Em relação ao sexo, o filósofo conclui: “a liberação é às vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade (...) é verdade que foi necessário um certo número de liberações em relação ao poder do macho, que foi preciso se liberar de uma moral opressiva relativa tanto à heterossexualidade quanto à homossexualidade; mas essa liberação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido uma relação completa e satisfatória. A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (Foucault, 2004b: 267).

Contudo, se Freire, assim como a equipe de *O Inimigo do Rei*, permaneceu enredado em certa busca da liberação definitiva das repressões, sua escrita avançou em outras questões. Enquanto o jornal anarquista, espaço de coexistência de práticas distintas, desde o sindicalismo a reivindicação de



temas ligados à contracultura, se encerrou em 1988, destacando a tentativa de reativação da Confederação Operária Brasileira e enfatizando para os trabalhadores a necessidade de uma revolução anarquista, os romances e ensaios de Freire continuaram investindo nas décadas seguintes em outras afirmações. Ainda na segunda metade dos anos 1980, com *Coiote*, diante da organização anarquista defendida por Bruxo, personagem do romance, *Coiote organiza* a anarquia nas relações afetivas, amorosas e de trabalho.

Publicado em 1987, um ano após *Coiote*, Freire afirma em *Sem tesão não há Solução* que “a forma de viver, de participar politicamente no anarquismo é fazer experiências com seu próprio corpo, em seu pensamento, em seu sexo” (Freire, 1990: 151). O *Tesão*, segundo ele, seria um guia para que cada pessoa pudesse viver livremente sem permutar a existência a sacrifícios como os exigidos pela militância. Foi precisamente se afastando da militância, da revolução como projeto político, desde o início da redação de *Coiote* no final dos anos 1970, quando rompe com a *Ação Popular* e afirma o anarquismo como perspectiva política, que Freire desenvolveu a singularidade de sua literatura.

Octavio Paz afirma que, desde a metade do século XIX, ao vocábulo revolucionário juntou-se o reformista. Pondera o múltiplo intelectual mexicano que revolucionário e reformista são intelectuais, “crêem no progresso, os dois rechaçam o mito: sua crença na razão é inquebrantável (...) Um é partidário do salto; o outro, da passada. Ambos crêem na história como processo linear e



marcha para diante”. Freire se assemelharia ao rebelde, existência que se associa ao que Paz situa como o “herói maldito, o poeta solitário, os enamorados que pisam as leis sociais, o plebeu genial que desafia o mundo, o *dandy*, o pirata” (Paz, 1996: 264). Contudo, Paz mostra que por não se inscrever no tempo retilíneo da história, domínio do revolucionário ou do reformista, mas sim no espaço, o rebelde acabou sendo tratado com a mesma desconfiança que o poeta era visto na República de Platão. Antes de Octavio Paz, Camus já havia afirmado em *O Homem Revoltado* que, diferente da revolta, que parte do não apoiado a um sim, a revolução seria a negação absoluta que condena todas as servidões para fabricar, porém, “um sim adiado para o fim dos tempos (...) A revolução histórica”, conclui o escritor argelino “obriga-se a agir sempre na esperança, incessantemente decepcionada, de um dia existir” (Camus, 2010: 288). No final do século, Hakim Bey desconfia da palavra revolução, “ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada ‘paraíso’ governado por um anjo ainda mais cruel” e sugere aos libertários a experimentação de *levantes*. De maneira similar a Paz, a proposta de Bey visa liberar a política das leis da História, pois, segundo ele, “a História diz que uma Revolução conquista a ‘permanência’, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é ‘temporário’. Nesse sentido um levante é uma experiência de pico” (Bey, 2001: 16).



O movimento traçado por Freire e explicitado em sua literatura expressa um deslocamento, uma navegação. Em a *Hermenêutica do Sujeito* Foucault mostra como o chamado *cuidado de si*, ao libertar-se da paisagem socrático-platônica, deixou de ser um imperativo válido em um momento da existência para ser transformado numa regra coextensiva à vida. Segundo ele, esse novo modo que passou a configurar o *cuidado de si* apresentava como metáfora os perigos da navegação. Nos últimos séculos da era chamada pagã, “o eu surge, fundamentalmente, como a meta, o fim de uma trajetória incerta e eventualmente circular, que é a perigosa trajetória da vida” (Foucault, 2004a: 304).

Foucault analisa o tema do retorno a si, essa navegação perigosa, retomado por “fragmentos, por migalhas” - não mais como modo global e contínuo como o era na Antiguidade helenística e romana -, a partir do século XVI, e no decorrer do século XIX. Entre as tentativas, para reconstituir uma ética e uma estética do eu, cita “a anarquia, o pensamento anarquista” (Idem: 305). Atualiza este movimento de retomada ético-estético no século XIX, colocando um problema vital no início dos anos 1980, e urgente ainda nos dias de hoje. “É possível” escreveu Foucault “suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir uma ética do eu, quando esta seja uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal,



não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (Idem: 306).

Acompanhar os escritos de Freire a partir de *Cléo & Daniel*, seguir seu rompimento com a psicanálise e posteriormente com a militância e os projetos revolucionários, observar sua aproximação com os anarquistas, o desenvolvimento da noção de *Tesão* como modo libertário de existência, é deparar-se com um deslocar-se, uma *navegação*. Feito o pirata sugerido por Octavio Paz, Freire afirmou na primeira página de sua autobiografia *Eu é um outro*, título baseado na carta do poeta Arthur Rimbaud escrita a Paul Demeny em 15 de maio de 1871, que: “um dito popular de Portugal me conforta e estimula: ‘viver não é preciso, navegar é preciso’”.<sup>2</sup>

...

“Não sei por que contei essa história. Poderia muito bem ter contado outra. Talvez uma outra hora poderei contar outra. Almas vivas, verão que elas se parecem” escreveu Samuel Beckett em “O expulso”. Em 3 de dezembro de 1928, América Scarfó, jovem anarquista de dezesseis anos escreveu em carta ao libertário Émile Armand, publicada posteriormente no jornal anarco-individualista *L’en dehors*, descrevendo as adversidades que encontrara para

---

<sup>2</sup> Roberto Freire. *Eu é um outro*. Salvador, Maianga,



afirmar a paixão entre ela e um companheiro libertário. America Scarfó critica alguns anarquistas que “se arvoraram em juízes” tratando os como degenerados, “enfermos e outros qualificativos similares”. A jovem destemida pergunta: “por quê? Por vivermos a vida em seu verdadeiro sentido, por prestarmos um culto livre ao amor? Por nos amar sem importar os códigos ou as falsas morais, assim como os pássaros, que alegrem as calçadas e os jardins?” (Scarfó, 2008: 57).

Freire nasceu um ano antes da carta escrita por América. Feito ela entregou-se - contra todas as adversidades - a existência como desmedida paixão anarquista.

## **bibliografia**

BEY, Hakim. **Caos: Terrorismos & outros crimes exemplares**. Tradução de Patricia Decia; Renato Resende. São Paulo: Conrad, 2003.



CAMUS, Albert. **O homem Revoltado**. Tradução de Valeria Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2010.

FOUCAULT, Michel. “Uma introdução à uma vida não fascista”. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. In: **Cadernos da Subjetividade**. São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas do Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol, 11, n1, 1993, pp.197-200.

\_\_\_\_\_. “Uma entrevista com Michel Foucault”. Tradução de Wanderson Flores do Nascimento. In: **Verve**. São Paulo: Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), vol. 05, 2004, pp. 240-259.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Manoel Barros da Motta (org). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2004b.

FREIRE, Roberto. **Histórias Curtas e Grossas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sem tesão não há Solução**. São Paulo: Trigramma, 1990, 20ª edição.

\_\_\_\_\_. **Utopia e Paixão: A política do Cotidiano**. São Paulo: Trigramma, 2001.

\_\_\_\_\_. **viva eu viva tu viva o rabo do tatu**. São Paulo: Global, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cléo & Daniel**. 7ª ed. São Paulo: Sol & Chuva.

\_\_\_\_\_. **Coioote**. São Paulo: Sol & Chuva, 1986.

\_\_\_\_\_. **Os Cúmplices**. Vol, 1. São Paulo: Sol & Chuva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os Cúmplices**. Vol, 2. São Paulo: Sol & Chuva, 1996.

\_\_\_\_\_. **Eu é um outro**. Salvador: Maianga, 2002.



- GOIA, Jorge. **Conversações com um terapeuta anarquista: Roberto Freire e a Soma**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2001.
- PAZ, Octavio. “Revolta, Revolução e Rebelião”. In: **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SCARFÓ, América. “America Scarfó: *uma experiência*”. Tradução de Edson Passetti. In: **Verve**. São Paulo: Nu-Sol, vol. 14, 2008, pp. 53-59.
- SCHROEDER, Vera. “Eu é um outro”. In: **Verve**. São Paulo: Nu-Sol, vol.5, 2004, pp. 279-286.